

# Bíblia e Oralidade: A Pregação Bíblica

Roberto dos Reis, M.Th.

Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Porque com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Por que: Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam as Boas Novas.

O texto acima, redigido pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos Romanos (10.9-15) em algum momento durante sua terceira viagem missionária (da cidade de Corinto), algo em torno do ano<sup>1</sup> 57 ou 58/59 (CARSON/MOO/MORRIS, 1997), é propício para iniciarmos nossas considerações a respeito do tema – *A Pregação Bíblica* – proposto para essa tarde. Antes, porém, a título de introdução, há de si dizer que somos – todos nós, sem exceção – seres logocêntricos por natureza. Tudo está centrado na fala. Tudo, indiscutivelmente, gravita em torno daquilo que falamos. Aristóteles (384-322 a.C.), um dos grandes filósofos da Grécia antiga, dizia que *o ser humano era um animal político, um animal que fala*.

Entre os gregos da antiguidade, a fala, por ser considerado um fator distintivo da espécie humana emoldurava todas as suas ações, entre elas, a possibilidade de se comunicar e de fazer política. E para os gregos, como é notória, a política era um espaço público do diálogo, da persuasão e da comunicabilidade, tendo, portanto, a fala como instrumento por excelência. Aliás, não é sem razão que os gregos tornaram-se excelentes oradores. A linguagem, portanto, é essencialmente dialética, e é dialética porque o ser humano é fundamentalmente dialético. Ninguém é capaz de criar uma linguagem isolada, divorciada da *κοινωνία*,<sup>2</sup> destituída de *comunidade*. E talvez seja

---

<sup>1</sup> Segundo Robert H. Gundry, em seu *Panorama do Novo Testamento*, Paulo escreveu sua carta aos Romanos estando na cidade de Corinto pelo fato de Gaio ser, na ocasião, o hospedeiro do apóstolo, conforme Rm 16.23 e 1Co 1.14. Ademais, ainda segundo Gundry, a própria menção de Erasto, tesoureiro da cidade de Corinto (Rm 16.23), confirma que Paulo realmente escreveu a epístola estando na cidade de Corinto.

<sup>2</sup> *Koinonía*.

essa uma das experiências mais fascinantes que Davi teve, ao escrever o Salmo 139 (vv.8,9,10):

Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da Tua face? Se subir ao céu, lá Tu estás; Se fizer no Sheol a minha cama, lá Tu estás também. Se tomar as asas da alva, e habitar nas extremidades do mar, até ali a Tua mão me guiará e a tua destra me susterá.

Mesmo que o homem habite as mais altas e íngremes montanhas e more no mais distante dos planetas, carregará consigo as marcas da coletividade. Ele não pode se desvencilhar do *outro*. Está irremediavelmente ligado a *alguém*. Esse é o caminho seguido por Schleiermacher (1769-1834) em sua Teologia do *Sentimento de Dependência Absoluta*. Talvez seja esse o objeto misterioso da oração sacerdotal feita por Cristo, em João 17.20-21: “*Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste*”.<sup>3</sup>

Seja como for, essa relação comunitária, esse envolvimento de Deus com o homem através da palavra, está presente em toda a Bíblia Sagrada. A abundância de referências indicativas desse fato é evidenciada desde o primeiro livro e se estende até o Apocalipse: Gênesis 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 22, 24 e 26: “*E disse Deus: Haja luz [...]*”;<sup>4</sup> “*E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, entre águas e águas*”;<sup>5</sup> “*E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar [...]*”;<sup>6</sup> “*E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente [...]*”;<sup>7</sup> “*E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus [...]*”;<sup>8</sup> “*E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente [...]*”;<sup>9</sup> “*E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos [...]*”;<sup>10</sup> “*E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie*

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

<sup>4</sup> Grifo nosso.

<sup>5</sup> Grifo nosso.

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Grifo nosso.

<sup>8</sup> Grifo nosso.

<sup>9</sup> Grifo nosso.

<sup>10</sup> Grifo nosso.

[...]”<sup>11</sup>; “E **disse** Deus: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança [...]*”<sup>12</sup>. O mesmo Deus que cria todas as coisas e o homem à sua imagem e semelhança, é o Deus do diálogo. É o Deus da visita diária (Gn. 3.8-10):

*E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia: E escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E disse ele: Ouvi a Tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.*<sup>13</sup>

É o Deus que, encarnado em Cristo – o Verbo vestido de carne – na primeira celebração genuinamente cristã (a Santa Ceia), abre o coração para seus discípulos e revela-lhes um desejo guardado desde a criação do mundo (Lc. 22.15): “[...] *Como desejei comer convosco esta páscoa [...]*”, “[...] Ἐπιθυμία ἐπεθύμησα τοῦτο τὸ πάσχα φαγεῖν μεθ’ ὑμῶν [...]”<sup>14</sup>. É o Deus que comunga; é o Deus que Se relaciona; é o Deus que dialoga; é o Deus que não receia Se mostrar. E porque *Se mostra*, *Se revela*; e porque *Se revela*, *Se [des]vela*. Não é o *Deus Absconditus* denunciado por Martinho Lutero (1483-1546), nem o Deus que *se dá e se retrai*, como afirma Leonardo Boff (1938 –), como se *doação e retração* fossem características inerentes de Sua natureza, mas o *Sagrado* – para usar aqui a expressão de Rudolf Otto (1869-1937) – que se manifesta por livre e espontânea vontade. Ele mesmo decide, por iniciativa própria, comunicar-se com o homem, de tal forma, e aqui ouço as palavras do teólogo romeno Mircea Eliade (1907-1986), que se assim não fosse, o homem jamais tomaria conhecimento. É a *hierofania* de Eliade (2006, p.17), “[...] *o homem toma conhecimento do Sagrado porque este se manifesta [...]*”. Isso tudo pra dizer que a iniciativa sempre é divina; que a comunicação, seja ela oral ou escrita, sempre parte de Deus. É Ele, que como Bom-Pastor, vai à procura da ovelha perdida e, depois de a encontrar e sarar suas feridas, toma-a nos braços e retorna ao aprisco (Lc.15.1-6); é Ele, que como Pai amado, vai ao encontro do filho pródigo, e, depois de o abraçar e beijar, diz: “*façamos uma festa, porque este meu filho estava morto e reviveu, era perdido, mas foi achado*”, Lc.15.24. Deus é o Deus da comunicação! Deus é o Deus do diálogo!

---

<sup>11</sup> Grifo nosso.

<sup>12</sup> Grifo nosso.

<sup>13</sup> Grifo nosso.

<sup>14</sup> “[...] *epithymia epethymesa tuto to pascha fagein meth’hymôn [...]*”.

## A Importância da Linguagem na Relação *Deus - Homem*

Talvez você já tenha se deparado com algumas teorias que gravitam em torno dos diálogos que ocorreram no Jardim no Éden (Gn.3); seja de Deus com o primeiro casal, ou casal real, para usar a expressão de Gerard van Groningen (1995), ou da Serpente Maligna que, utilizando-se de sua astúcia, induz Adão e Eva ao pecado (Gn.3.1ss). Diz uma dessas teorias que a comunicação ocorrida no Éden deu-se por via *telepática*, descartando-se toda e qualquer verbalização oral. Neste caso, a telepatia seria uma linguagem não-semiótica, mente-a-mente, superando as barreiras espaço – tempo, tornando-se a linguagem global, pânica, totalizadora, a encarnação ideal do mito da linguagem-universal. Entretanto, e discordando de tudo isso, a comunicação entre o Deus-Criador e o homem-criatura, segundo o Texto Sagrado, é verbal. Deus *fala* com o homem e o homem *fala* com Deus.

No relato da majestosa visão de Isaías, quando os querubins cantavam uns para os outros: Santo! Santo! Santo! É o Senhor dos Exércitos, Isaías ouviu a voz do Senhor dizendo: “*A quem enviarei, e quem há de ir por nós?*” E ele responde: “*Eis-me aqui, envia-me a mim*”, Is.6.8. Na mesma lógica comunicativa, após a visão do Trono de Deus, e caindo com o rosto em terra, Ezequiel ouviu a voz do Senhor dizendo: “*Filho do homem, põe-te em pé, e **falarei** contigo*”,<sup>15</sup> Ez.2.1. Na mesma sequência lógica, mas em época diferente, é a vez do profeta Jeremias: “***Invoca-me**, e te **responderei**; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes*”,<sup>16</sup> Jr.33.3.

Seja em hebraico, aramaico ou um idioma semítico qualquer – não vem ao caso –, a comunicação faz toda a diferença! As palavras “*comunicar*” e “*comunicação*” têm a mesma raiz latina “*communis*”, que pode ser traduzido por “*comum*”, dando a ideia de comunidade. Neste sentido, *comunicar* é pôr alguma coisa em comum, é fazer com que aquilo que é meu passe a pertencer ao outro, sem com isso deixar de ser meu (*emissor – receptor*). É uma troca, uma relação, um envolvimento. Ernst Fuchs (1903-1983), discípulo de Rudolf Bultmann (1884-1976), contemporâneo de Martin Heidegger (1889-1976), enuncia duas teses para a questão da linguagem. A primeira pode ser

---

<sup>15</sup> Grifo nosso.

<sup>16</sup> Grifo nosso.

expressa nesses termos: *O ser é a condição da linguagem*. Isso significa dizer que o ser, (o *ente*) é o terreno onde se enraíza a linguagem. É ela quem diz o ser. A rigor, o ser é o fundamento da linguagem, pois, se não fosse o ser, não existiria linguagem, afinal de contas, não haveria nada de significativo para dizer. Neste sentido, Fuchs afirma que sem o ser, a linguagem seria infundada, seria absurda, seria ilusória.

A segunda tese, segundo Fuchs, assim pode ser exposta: *A linguagem justifica o ser*. Isso significa dizer que sem a linguagem o ser seria mudo, posto que é o ser o verdadeiro fundamento da linguagem. É por ela, a linguagem, que o ser se torna acessível. É lá, onde ressoa uma palavra compreensível, que acontece o ser, na medida em que se mostra o que é.

Assim sendo, segundo Fuchs, a existência é linguística, ou seja, ela se efetiva na linguagem. Portanto, o homem se revela como tal na linguagem, mais do que na ação, porque na linguagem o homem se exprime diretamente, diz seu ser, que é o fundamento da existência. É por isso que a linguagem é importante. É por isso que falar é importante. Deus vai até o Jardim no Éden e “procura” por Adão: “[...] *Adão [...] onde está?*”, Gn.3.10. Deus pergunta. Deus procura. Pergunta como se não houvesse *onisciência*; procura como se não houvesse *onipresença*. Mas a questão não é esta, a questão era que Deus queria que Adão falasse, se comunicasse, admitisse a queda, admitisse o erro, porque este era o primeiro passo para acertar as coisas.

É por isso que a Bíblia é enfática. Vejamos algumas passagens onde a *fala* é apresentada como elemento de extrema importância: Rm. 10.8-10: “*A palavra está perto de ti, na tua **boca** e no teu coração; esta é a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua **boca**, **confessares** Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para a justiça e com a **boca se confessa** a respeito da salvação*”<sup>17</sup>; Pv.31.8: “*Abre a **boca** a favor do mundo, pelo direito de todos os que se acham desamparados*”<sup>18</sup>; Is. 61.1,2 a: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para **pregar** boas-novas aos quebrantados [...] a **apregoar** o ano aceitável do Senhor [...]*”<sup>19</sup>; 1Co. 1.17<sup>a</sup>: “*Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para **pregar** o evangelho [...]*”<sup>20</sup>; 1Co. 9.16: “*Se **anuncio** o evangelho, não*

---

<sup>17</sup> Grifo nosso.

<sup>18</sup> Grifo nosso.

<sup>19</sup> Grifo nosso.

<sup>20</sup> Grifo nosso.

*tenho de que me gloriar, porque sobre mim pesa essa obrigação; porque aí de mim se não **pregar** o evangelho!”<sup>21</sup>; 2Tm. 4.2: “[...] **prega** a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina”.<sup>22</sup> Sabe o porquê de tudo isso? Porque é uma ordenança de Jesus: Mc. 16.15,16: “[...] **Ide por todo o mundo e **pregai** o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado**”<sup>23</sup>.*

## **O que é Pregação?**

Martin Lloyd-Jones (1899-1981) define *pregação* como a mais elevada, a maior e a mais gloriosa *vocação* para a qual alguém é chamado. Essa é toda a diferença: a **vocação**! Entretanto, a fim de deixar bem claro o sentido último de *vocação*, é pertinente elencarmos o que não é *vocação*.

Em primeiro lugar, ***vocação não é um sentimento***. Os sentimentos são frágeis, volúveis e podem facilmente ser manipulados. Lloyd-Jones chamava isso de *pulpiterismo*. Os *pulpiteiros*, segundo Lloyd-Jones (2008), que não são pregadores legítimos, são aqueles que, com profissionalismo (não *vocação*), ocupam os púlpitos e os dominam, dominam o povo. São habilidosos em manipular as congregações, comovendo e emocionando os ouvintes. O que está em foco aqui, ressalta Lloyd-Jones, é a posição ocupada pela *forma* em detrimento da *substância*, ou seja, a *oratória* e a *eloquência* tornaram-se valiosas em e por si mesmas, tornando-se o fim último da *pregação*. É de extrema importância que tenhamos a consciência de que mais valioso do que o invólucro é o conteúdo, a essência do que é pregado nos púlpitos deve estar além de toda e qualquer aparência técnica. Afinal de contas, quem convence o “[...] *homem do pecado, da justiça e do juízo* [...]”, (Jo.16.8) não é a técnica, mas o Espírito Santo que, muito além da mera superficialidade e inconstância dos sentimentos humanos, perscruta os recônditos da alma e discerne todas as intenções do coração (Hb.4.12).

Em segundo lugar, ***vocação não é um destino irrevogável***. Deus me chama, e a minha resposta ao Seu chamado pode ser positiva ou negativa; posso responder como Isaias: “*eis-me aqui, envia-me a mim*” (Is.6.8), ou simplesmente fingir que não é comigo. Mas, vejamos bem, a *vocação* pode não ser um *destino irrevogável*, mas, uma

---

<sup>21</sup> Grifo nosso.

<sup>22</sup> Grifo nosso.

<sup>23</sup> Grifo nosso.

vez chamado, e respondido positivamente, não há que se falar em volta, em retrocesso. E neste caso, a vocação, uma vez aceita, torna-se ministério, e ministério é caminho sem volta: “[...] Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus”, Lc.9.62. No livro de Números (20.28), Deus ordena a Moisés que, na companhia do sacerdote Arão e Eliezer, seu filho, suba ao monte Hor (הור). E lá, o patriarca de Israel despe a Arão de suas vestes sacerdotais, e, ato contínuo, Arão morre. Assim diz o texto: “Moisés, pois, despiu a Arão de suas vestes e vestiu com elas Eliezer, seu filho; morreu Arão ali, no cume do monte [...]”. O presente texto é paradigmático para aquilo que nos propusemos neste momento, ou seja, o ministério da pregação do Evangelho envolve a própria vida do pregador. Em outras palavras, estamos tão envolvidos com a pregação que o fim desse ministério constitui o fim de nossa própria vida. É por isso que John Hyde (1865-1912), missionário americano que trabalhou na Índia nas décadas finais do século XIX, diante do povo indiano, clamou: “Pai, dê-me estas almas, senão eu morro!”.

Em terceiro lugar, *vocação não é um refúgio para quem tem medo da vida*. A vocação para a pregação do Evangelho não pode ser usada como esconderijo para traumas, anomalias psíquicas, deficiências morais, taras ocultas e pensamentos nefastos. Por isso o apóstolo Paulo era tão enfático: “Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”, 1Co.9.27. Isso significa dizer, que há o risco da desqualificação; há o risco de perdermos o foco; há o risco de, no final de tudo, descobrirmos que lutamos em vão, que desferimos golpes no ar por conta da fuga dos medos e problemas que deveriam ser combatidos de frente. Esse, possivelmente, era um dos receios de João Calvino. Pregador mestre, numa época em que o púlpito era o principal meio de comunicação para uma cultura inteira (GEORGE, 1994), Calvino diz:

Quando eu subo ao púlpito não é para ensinar aos outros somente. Eu não me retiro aparte [...], a palavra que procede da minha boca **deve servir para mim** assim como para você, **ou ela será o pior para mim**. [...] quando o evangelho é pregado em nome de Deus, é como se Deus em pessoa falasse.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Grifo nosso.

Assim sendo, se vocação não é um mero sentimento; não é um destino irrevogável e não é um refúgio para quem tem medo da vida, o que é vocação? É uma *certeza interior que nasce da suprema graça de Deus, que nos toca a alma de forma plena e que nos pede uma resposta livre*. Caso Deus nos chame, a certeza irá crescendo à medida que nossa resposta à Sua chamada vai sendo generosa.

## Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. 1ª ed., São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

GILBERLLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. 1ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GUNDRY, Roberto H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

HARRIS, R. Lairde / ARCHER JR., Gleason L. / WALTER, Bruce K. *Dicionários Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1ª ed., São Paulo: Vida Nova, 1998.

LANCHLER, Karl. *Prega a Palavra*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

LLOYD-JONES, D. Martin. *Pregação e Pregadores*. 2ª ed., São José dos Campos: Editora Fiel, 2008.

RIENECKER, Fritz / ROGERS, Cleon. *Clave Lingüística do Novo Testamento Grego*. 1ª ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. 1ª ed., Campinas: Editora Luz para o Caminho, 1995.